

1881 1241 0
JORNAL DA TARDE

Eleitas encontram-se só para "comemorar"

Não vamos falar de trabalho. Estamos reunidas aqui para beber e comemorar. O lobby vem depois. A frase dita pela presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Jacqueline Pitanguy, deu o tom do coquetel oferecido pelo Conselho para homenagear as 26 deputadas e uma senadora suplente eleitas para a Constituinte, num dos mais caros restaurantes de Brasília. Do trabalho que realizará na Constituinte pouco se falou.

Maquiadas, cabelos cuidadosamente arrumados, trajando vestidos de linho ou seda, as 16 constituintes que compareceram ao coquetel, tiveram que dividir com um batalhão de jornalistas, câmeras e spots de televisão, o espaço exíguo do restaurante. O espaço estava superlotado por homens curiosos em conhecer as representantes do sexo frágil e muito também por representantes do próprio Conselho. Embora esperados, nenhum líder ou presidente de partido dignou-se a aparecer.

O único político presente era o candidato à presidência da Câmara, Fernando Lyra, assim mesmo interessado em arrebatar alguns votos femininos de última hora. Confiante, assegurava que conseguiria pelo menos 15 votos entre elas. "Mulher não trai, ela pode fazer outras opções, mas traição não" — garantiu. O voto da deputada Bete Mendes (PMDB-SP), dado como certo por Lyra, foi desmentido mais tarde pela deputada, que afirmou categoricamente não ter nenhuma postulação à presidência da Câmara, por considerar que a Assembleia Nacional Constituinte deve funcionar soberana.

Bete, aliás, foi uma das poucas

deputadas presentes a se manifestar sobre o trabalho que farão as mulheres na Constituinte, e talvez por causa disso, a mais solicitada pelas emissoras de televisão e jornalistas. Bete ressaltou que a luta da mulher será a de conquistar o seu espaço legítimo de cidadania, sempre ao lado do homem.

Já Maria de Lourdes Abadia (PFL-DF), preocupava-se em explicar à imprensa, que o bloco de mulheres eleitas pela Constituinte não pode ser encarado como um "clube da luluzinha".

Chamando atenção pela alegria e enorme desembaraço, a deputada Raquel Cândido (PFL-RO), eleita pela primeira vez, não se conteve e afirmou que "O PFL é um abajour onde à meia luz o PMDB faz amor". Contrastando com a deputada de Rondônia, discreta num canto observando a balbúrdia em que se transformou o coquetel, estava Margaret Papandreou, presidente da União das Mulheres Gregas e esposa do primeiro-ministro grego. Enquanto isso, tímida, a deputada Márcia Kubitschek destacava o significado da Constituinte, esperançosa por um Brasil melhor, sem deixar de emocionar-se ao lembrar do pai — o ex-presidente Juscelino Kubitschek — que idealizou Brasília.

Justificando o atraso de duas horas — "porque sou brasileira" — a deputada Cristina Tavares (PMDB-PE), apesar da ocasião festiva, denunciava que "a elite vai mesmo tutelar a Constituinte, porque depois de instituir uma Comissão de mais de 80 membros para elaborar a Constituinte, agora vem com a candidatura inconstitucional de Ulysses Guimarães para a presidência da Câmara.

Dante quer a reforma com Constituinte

"Precisamos dotar a Constituição de mecanismos de defesa para que possa se concretizar a reforma agrária neste país — disse ontem o ministro Dante de Oliveira, durante o encontro dos trabalhadores rurais que se realiza em Brasília. Questionado pelos trabalhadores sobre o lento processo de distribuição de terras, Dante fez alusão à esta demora justificando que as leis exigem que mesmo as terras já entregues ao Incra passem por uma aprovação judicial antes de serem distribuídas.

A Contag e a Fenag mantêm reunidos cerca de 2.000 trabalhadores rurais em Brasília, que devem entregar hoje a tarde um documento aos novos constituintes. Amanhã, às 17 horas, uma pequena delegação se encontra com o presidente Sarney. O documento reivindica uma reforma agrária "ampla, massiva, que elimine o latifúndio, com a participação dos trabalhadores".

Na reunião realizada ontem de manhã no Clube dos Servidores Públicos de Brasília, o ministro Dante de Oliveira fez lembrar os trabalhadores que "nós não estamos vivendo regime de revolução dos trabalhadores mas sim de consolidação da democracia".